

A CARTA DE PAULO AOS ROMANOS

Nenhuma dúvida existe de que foi Paulo o escritor desta carta. Nascido no meio de uma família de pura raça judaica, orgulhosa de suas origens e apegada à sua fé, cresceu fora da Palestina, na cidade de Tarso. Seu pai, apesar de judeu, tinha a cidadania romana. Paulo herdou essa cidadania e a usou em alguns momentos para sobreviver às perseguições.

Paulo era um fariseu. Educado no rigor do farisaísmo judaico. Foi discípulo de Gamaliel, um dos mais importantes professores judeus da Escritura do primeiro século da era cristã.

Nesta carta Paulo denuncia, pela forma como escreve, todo o seu vigor literário. Homem de mente brilhante, gastou sua vida para disseminar o evangelho que ele, nesta epístola, expõe.

A melhor síntese de Romanos pode ser encontrada em 1.16.17: “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.”

As passagens de Romanos tendem a provocar duas coisas no leitor. Ansiedade ou gratidão pela salvação de Deus. O primeiro sentimento aparece no coração daqueles que ainda não são filhos de Deus. A esses a epístola apela para que se ouça a voz do Espírito Santo através da pregação do evangelho.

O segundo sentimento, gratidão, brota no coração daqueles que já foram regenerados por Cristo. Afinal, estes não têm mais sobre si nenhuma condenação, seus pecados foram perdoados e são considerados justos por Deus. Têm paz e vivem esperando o momento da glorificação, quando residirão eternamente com o Pai. Presentes de Deus, independentes de qualquer merecimento.

Um bom estudo,

Pr. Dr. Valtair A. Miranda

Atitude

REVISTA DO JOVEM CRISTÃO

Atitude Aluno é uma revista que destina-se aos jovens (18 a 35 anos), contendo lições para a Escola Bíblica Dominical, artigos gerais, passatempos bíblicos e outras matérias que promovem o aperfeiçoamento do jovem nas mais diferentes áreas

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

Redação

Valtair Afonso Miranda

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1ª Andar – Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
literatura@conviccaeditora.com.br

ISSN 1984-8633

LITERATURA BATISTA
ANO CXII – Nº 445

AUTOR DOS ESTUDOS DA EBD

As lições deste trimestre foram escritas a duas mãos: pelo **PR. LUIZ ROBERTO DOS SANTOS**, pastor da Igreja Batista Memorial da Tijuca, no Rio de Janeiro, e pelo **PR. VALTAIR AFONSO MIRANDA**, pastor da Igreja Batista de Neves, em São Gonçalo, RJ.

nota da redação

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões do corpo redatorial da revista

//SUMÁRIO

//EBD

LIÇÃO 1 – Uma difícil chamada.....	9
LIÇÃO 2 – Uma contenda com Deus.....	14
LIÇÃO 3 – As consequências do pecado.....	19
LIÇÃO 4 – A exortação ao arrependimento.....	24
LIÇÃO 5 – A promessa da efusão do Espírito.....	28
LIÇÃO 6 – Uma terrível descrição.....	34
LIÇÃO 7 – O chamamento ao perdão.....	39
LIÇÃO 8 – A promessa da restauração.....	44
LIÇÃO 9 – A visão de um povo em pecado.....	49
LIÇÃO 10 – A reação do profeta.....	54
LIÇÃO 11 – Dentro de um peixe: crer ou não crer.....	59
LIÇÃO 12 – A pregação do Evangelho no Antigo Testamento.....	64
LIÇÃO 13 – Uma lição para o profeta.....	69

//SEMPRE EM ATITUDE

Leitura bíblica.....	4
Tema da EBD.....	5
Poesia.....	81

//CRESCIMENTO JOVEM

A síndrome de Belchior.....	73
Metanoia: o que isto tem a ver com a juventude?.....	75
O padrão bíblico de nossos dias.....	83
A igreja também precisa de autoanálise.....	91
O caminho do perdão.....	93

» LEITURA BÍBLICA

Semana 1

SEG Rm 1.1-7
TER Rm 1.8-10
QUA Rm 1.11-15
QUI Rm 1.16,17
SEX Rm 1.18-21
SÁB Rm 1.22-25
DOM Rm 1.26-32

Semana 2

SEG Rm 2.1-4
TER Rm 2.5-11
QUA Rm 2.12-16
QUI Rm 2.17-21
SEX Rm 2.22-24
SÁB Rm 2.25-27
DOM Rm 2.28,29

Semana 3

SEG Rm 3.1-4
TER Rm 3.5-8
QUA Rm 3.9-18
QUI Rm 3.19-20
SEX Rm 3.21-23
SÁB Rm 3.24-26
DOM Rm 3.27-31

Semana 4

SEG Rm 4.1-3
TER Rm 4.4-6
QUA Rm 4.7-10
QUI Rm 4.11-14
SEX Rm 4.15-18
SÁB Rm 4.19-22
DOM Rm 4.23-25

Semana 5

SEG Rm 5.1-3
TER Rm 5.4-6
QUA Rm 5.7-9
QUI Rm 5.10,11
SEX Rm 5.12-15
SÁB Rm 5.16-18
DOM Rm 5.19-21

Semana 6

SEG Rm 6.1-4
TER Rm 6.5-7
QUA Rm 6.8-10
QUI Rm 6.11-14
SEX Rm 6.15-18
SÁB Rm 6.19-21
DOM Rm 6.22,23

Semana 7

SEG Rm 7.1-3
TER Rm 7.4-6
QUA Rm 7.7,8
QUI Rm 7.9-12
SEX Rm 7.13-16
SÁB Rm 7.17-21
DOM Rm 7.22-25

Semana 8

SEG Rm 8.1-5
TER Rm 8.6-11
QUA Rm 8.12-17
QUI Rm 8.18-23
SEX Rm 8.24-27
SÁB Rm 8.28-30
DOM Rm 8.31-39

Semana 9

SEG Rm 9.1-5
TER Rm 9.6-13
QUA Rm 9.14-16
QUI Rm 9.17-21
SEX Rm 9.22-24
SÁB Rm 9.25-29
DOM Rm 9.30-33

Semana 10

SEG Rm 10.1-3
TER Rm 10.4-7
QUA Rm 10.8,9
QUI Rm 10.10-12
SEX Rm 10.13-16
SÁB Rm 10.17,18
DOM Rm 10.19-21

Semana 11

SEG Rm 11.1-8
TER Rm 11.9-14
QUA Rm 11.15-24
QUI Rm 11.25-32
SEX Rm 11.33-36
SÁB Rm 12.1-8
DOM Rm 12.9-21

Semana 12

SEG Rm 13.1-4
TER Rm 13.5-7
QUA Rm 13.8-14
QUI Rm 14.1-6
SEX Rm 14.7-12
SÁB Rm 14.13-18
DOM Rm 14.19-23

Semana 13

SEG Rm 15.1-13
TER Rm 15.14-21
QUA Rm 15.22-29
QUI Rm 15.30-33
SEX Rm 16.1-9
SÁB Rm 16.10-18
DOM Rm 16.19-27



Nonono

XXX XX, RJ

Desde o séc. VI antes de Cristo que os judeus não estavam mais concentrados na sua Terra Santa, ou mais propriamente, a Palestina. Após a derrota para os exércitos de Nabucodonozor, muitos judeus foram levados compulsoriamente para a Mesopotâmia. Outros, entretanto, debaixo da grande crise que se abateu sobre o antigo reino de Judá e seu último rei Joaquim, preferiram fugir da região. O caso de Jeremias é evidência do que pode ter acontecido em muitas outras situações. Ele queria ficar na região até o desfecho dos conflitos com Babilônia, mas foi forçado a fugir com um grupo para o Egito.

Egito, norte da África, Península Ibérica, Gália, Península Itálica, Grécia, Ásia Menor, e regiões ainda mais distantes, em todas estas regiões

era possível encontrar um núcleo, mesmo que pequeno, de judeus que queriam viver suas vidas e adorar a Deus ainda que longe da Palestina. A este fenômeno os estudiosos deram o nome de diáspora. Isso significa que após o fim dos reinos de Israel e Judá, os descendentes de Abraão não tinham por casa apenas a Palestina.

Como era a vida destes judeus longe do Templo? Ainda era possível manter suas crenças e práticas religiosas tão longe de Jerusalém e do Templo? Uma comunidade judaica que vivia em Cartago, por exemplo, não podia dar-se ao luxo de continuar com os ritos sacrificiais. Estavam muito longe do Templo de Jerusalém para isso. Eles viviam em torno de outra instituição: a sinagoga. Era na sinagoga que os judeus da diáspora mantinham

seu culto e sua fé em Deus. Nela eles ensinavam as suas tradições religiosas para seus filhos. Nela eles cultuavam a Deus, não com sacrifícios, porque não se sacrificava qualquer animal numa sinagoga. O culto na sinagoga consistia de alguns poucos atos: oração, leitura das Escrituras, explicação das escrituras, cântico de algum hino ou salmo. Percebe-se que o centro da prática sinagoga eram as Escrituras e não mais os ritos sacrificiais. A marca deste judaísmo que se desenvolvia longe de Jerusalém era justamente sua independência do Templo e dos ritos para sua vida religiosa, que agora giravam em torno dos textos sagrados.

Isso não quer dizer que os judeus de Roma ou Éfeso não se importavam com o Templo. Pelo menos uma vez por ano, vários deles faziam peregrinações para Jerusalém e ali festejavam a grande casa de Deus em cima do monte Sião. O importante é entender que estes judeus já sabiam como viver sem Templo e sacrifícios muito antes de seus irmãos da Judéia.

Tarso era uma destas cidades onde havia uma colônia judaica. A cidade se localizava na província da Cilícia. Era uma província imperial, ou seja, governada por um procurador imperial, normalmente um senador romano. A região foi anexada ao Império desde as ações do general Pompeu no ano 64 a.C. Depois de muitas mudanças no quadro provincial da região, ela acabou reduzida a um trecho cercado ao norte pela Capadócia, ao sul pelo mar, ao leste pela Síria e ao Oeste pela Panfília.

Marcada por grandes regionalismos, os governantes romanos a administravam com a ajuda das elites locais, o que preservava seus interesses e a mantinha sem muitas mudanças em relação ao período anterior à chegada dos romanos.

Estrabão, um geógrafo romano nascido na província do Ponto, não muito longe da Cilícia, em algum momento entre 7 e 23 depois de Cristo, assim descreveu a cidade de Tarso:

“Os habitantes de Tarso são tão apaixonados pela filosofia, têm uma formação tão enciclopédica, que sua cidade acabou por eclipsar Atenas, Alexandria e todas as outras cidades conhecidas como estas por terem dado origem a alguma seita ou escola filosófica... Como Alexandria, Tarso tem escolas para todos os ramos das artes liberais. Acrescentai a isso o número elevado de sua população e a sua hegemonia sobre as cidades vizinhas e compreenderéis que ela pode reivindicar o nome e a posição de metrópole da Cilícia” (Estrabão, Geografia, XIV, V, 13).

Esta descrição de Estrabão ajuda-nos a entender a cidade de onde surgiu uma das figuras mais importantes para os primórdios do Cristianismo. Seu nome era Saulo, nome judaico. Nasceu em Tarso em torno do ano 1 de nossa era. E como muitas crianças judaicas da diáspora cujos pais tinham uma situação social razoável, foi educado tanto nas tradições judaicas quanto nas gregas. A confiar na exposição positiva de Estrabão, Tarso viabilizava para um jovem como Saulo toda a cultura clássica para ele se tornar um jovem culto.

Não se sabe ao certo se o jovem era aluno de alguma de suas escolas de filosofia, mas não seria algo improvável. Posteriormente ele demonstrará uma grande desenvoltura literária, por meio de cartas, e cultural, com conhecimento de pelo menos alguns filósofos gregos.

Tarso era uma cidade de grande porte. Possivelmente a maior da província. Talvez contasse, nos tempos de Paulo, com 300 mil habitantes. Uma de suas principais obras de exportação era conhecida pelo nome de "cilício", em homenagem à província. Era um tecido rústico feito de pele de cabra, e utilizado para confeccionar as tendas dos muitos nômades de passagem pela região. Paulo aprendeu esta profissão, e, com alguma probabilidade, essa também era a profissão de seus pais. Ele era um fazedor de tendas, um comerciante, acostumado com a arte da persuasão desde cedo, um cosmopolita, profundo conhecedor da vida urbana típica das muitas cidades parecidas com a sua espalhadas por todo o império.

Em algum momento após sua formação inicial, ele foi enviado para Jerusalém, o núcleo do Judaísmo, para continuar seus estudos religiosos. Isso demonstra que seus pais eram judeus piedosos e de grande zelo religioso. Não bastava criar o filho numa sinagoga da cidade. Ele precisa ser educado rigorosamente por um dos rabinos de Jerusalém.

É neste contexto que Saulo transfere sua formação para a Judeia, para aprender com Gamaliel, um dos rabinos mais importantes do período.

Neste período ele se envolverá com o movimento farisaico, possivelmente por causa de seu zelo com as Escrituras.

Paulo não teve contato com Jesus durante seu curto ministério de três anos, mas logo se envolveu no conflito com seus discípulos da diáspora. É desta forma que ele é apresentado no Novo Testamento pela primeira vez, no livro de Atos, participando da ação violenta contra Estêvão, o líder do movimento de Jesus entre os judeus helenistas.

No caminho de Damasco

Parece haver algum intervalo entre a perseguição aos helenistas do livro de Atos e a viagem que Paulo faz a Damasco. Quando Paulo chega lá, já há uma igreja na cidade, talvez fruto da missão dos helenistas. Seria preciso algum intervalo de tempo. Posteriormente, quando escreverá uma carta aos Gálatas, Paulo dará algumas indicações cronológicas. Ele fala de um intervalo de 3 anos entre sua conversão no caminho de Damasco e sua primeira ida a Jerusalém (Gl 1.18). Fala também de um intervalo de 14 anos até outra visita para o evento que ficou conhecido como o Concílio de Jerusalém (Gl 2.1). Os números deveriam bastar, mas não é tão simples. Isso porque era corrente na época que os anos fossem contados a partir do momento em que ele começou. Apenas começado, já se contava como um ano inteiro. Por isso, não basta somar estes anos. É preciso compara-los com outros elementos para uma data relativa. Alguns autores sugerem, então, o

ano 36 como o ano da viagem a Damasco. As notícias de um núcleo de discípulos de Jesus naquela cidade deveriam ter chegado até a liderança de Jerusalém, discípulos estes que deveriam girar predominantemente em torno de uma fé do tipo helenista. As comunidades plantadas pelos helenistas, mesmo tendo uma abertura maior para os gentios, ainda eram parte da base judaica na cidade, ou seja, dos núcleos judaicos. Esse caráter da comunidade de Damasco incomodou a liderança de Jerusalém.

Damasco era uma importante cidade da Síria, a pouco mais de 200 quilômetros de distância de Jerusalém, numa viagem que na época poderia durar uma semana. Algo, entretanto, aconteceu nesta viagem. O homem que saiu de Jerusalém não era mais o mesmo quando chegou à cidade da Síria.

O próprio Paulo não deixou muitas informações sobre o que aconteceu. Mas a narrativa de Atos é mais próspera em detalhes, mencionando sua conversão em três momentos diferentes. Uma enquanto narra a viagem (At 9.1-19), e outras duas durante diálogos de Paulo com judeus em Jerusalém (At 22.4-21) e com o governador Festo e o rei Agripa (At 26.9-18). O que aconteceu com Paulo foi a manifestação de uma visão do Cristo ressuscitado. Ele viu o próprio Jesus. Aquele encontro mudou tudo. Jesus diz algumas poucas palavras para Paulo, mas não eram necessárias muitas outras. Aquela visão foi o suficiente para que ele entendesse que Jesus era realmente o messias profetizado pelos antigos profetas.

O que ele precisava fazer daqui para frente era reler toda a sua cultura judaica, tudo o que aprendera de seus pais, professores da sinagoga, e de Gamaliel, tudo o que conhecia das Escrituras Sagradas, a partir do fato de que Jesus era o messias.

Após a manifestação de Jesus no caminho, Paulo caiu do cavalo, ouviu o recado, mas agora não consegue mais enxergar. Sua visão só retornará quando chegar à cidade de Damasco, auxiliado já pelos discípulos de Jesus que lá encontrou.

Auxiliado por Ananias, um líder da comunidade local, Paulo não só aceita a mensagem de que Jesus era o Messias enviado de Deus, que morreu, ressuscitou e agora está ao lado de Deus, mas também é aceito pela comunidade que a pouco tempo antes perseguira.

A descrição curta do que aconteceu após a conversão aparece nas palavras do próprio Paulo em Gálatas 1.16-18. Segundo ele, após algum tempo na cidade, ele parte para Arábia. Atualmente, Arábia pode significar toda a Península que começa ao sul da Palestina e Mesopotâmia e se estende para dentro do Oceano Índico, margeada, à leste pelo Golfo Pérsico e a oeste pelo Mar Vermelho. Mas no tempo de Paulo o termo era usado para se referir simplesmente aos territórios a oeste do Jordão. Parte da região estava sob controle romano, outra sob controle do rei dos nabateus. Possivelmente Paulo ficou na região durante alguns meses pregando a fé que acabara de abraçar, mas não deixou nada escrito sobre o

resultado da sua missão. Ele retorna para Damasco, mas nesta sua volta não é bem recebido pela comunidade judaica da cidade, que preciona a liderança da cidade para prendê-lo. Ele precisou fugir da cidade descendo em uma cesta para o lado externo dos muros da cidade. Foi somente então que ele decide voltar a Jerusalém. Nos cálculos de Paulo, três anos após sua conversão, período que para os estudiosos deve estar situado entre em algum momento do ano 38 ou 39.

Em Jerusalém, procurou abrigo na igreja dirigida pelos apóstolos, e conseguiu com a ajuda de um hele-nista de nome Barnabé, natural da ilha de Chipre. Parece que a igreja não se mostrou muito entusiasmada com a conversão do ex-perseguidor, apesar de Atos 9.28 o descrever com a igreja em franca atividade de pregação. Segundo Atos, ele “entrava e saía” com os apóstolos, pregando “ousadamente em nome do Senhor”.

Não deveria ser confortável para liderança judaica ver um antigo aliado agora filiado ao movimento de Jesus. Quando ameaças de morte começaram a surgir, Paulo saiu da cidade, desta vez para Cesareia, e depois para sua cidade natal, Tarso.

A igreja de Antioquia

Josefo, em alguns momentos de sua obra, falou com distinção da cidade de Antioquia da Síria. No livro Guerra Judaica (VII, 44-45), ele escreveu que governantes sucessores de Antíoco Epifanes “restituíram aos judeus de Antioquia todos os objetos votivos de bronze, oferecendo-os em

homenagem à sua sinagoga; concederam-lhes, além disso, os mesmos direitos de cidadania dos quais gozavam os gregos... [os judeus da cidade] atraíram sucessivamente ao seu culto um grande número de gregos, os quais, desde então, se tornaram, de certa forma, parte de sua comunidade”. Noutra obra, desta vez Antiquidades Judaicas (16, 148), ele escreve: “aos habitantes de Antioquia, a principal cidade da Síria, atravessada em toda a sua extensão por uma larga avenida, ofereceu ele pórticos margeando-a dos dois lados e pavimentou a sua parte descoberta com pedras polidas, contribuindo assim singularmente para a beleza da cidade e para a comodidade dos seus habitantes”.

Pelo relato de Josefo é possível perceber elementos tanto da cidade quanto da colônia judaica que ali havia. Antioquia era uma grande cidade, enriquecida em sua estrutura urbana pelos governantes helênicos que a construíram. Ela foi fundada em 301 a.C. por Seleuco da Síria, um dos generais de Alexandre o grande, e na época romana era a terceira maior cidade do império. Só perdia para Roma e Alexandria. Estrabão, o geógrafo, escreveu que ela tinha 500.000 habitantes e muralhas que abraçavam um circunferência urbana de 15 km de extensão.

Sua posição a deixava no limiar de mundos antigos. Perto do mar, ela recebia caravanas do Oriente e do Ocidente, interligando-as. Esse espírito multicultural se manifestou também entre os judeus da cidade,

que como Josefo os descreve, criaram uma comunidade com a presença de um grande número de “gregos”, ou prosélitos.

Não é difícil perceber, então, que esse clima tanto da cidade quanto do judaísmo local abriu ainda mais os horizontes da missão dos helenistas. Segundo Atos 11.20, em Antioquia eles pregavam também aos gregos. Isso indica que mesmo os helenistas tinham a prática de pregar, até este momento, apenas para grupos judaicos. Mas ao chegar em Antioquia, encontrando uma comunidade judaica formada por um grande número de gentios, eles não percebem dificuldade em dirigir a estes de forma direta a mensagem sobre Jesus, palavra que deve ter surtido um grande efeito. A igreja que nasce na cidade é marcada pelo tom gentilício, o que preocupou os líderes da igreja de Jerusalém quando eles tomaram conhecimento do perfil étnico dos novos convertidos.

A igreja de Jerusalém se vê como responsável pelo movimento de Jesus, e envia um de seus membros, um helenista, Barnabé, natural de Chipre, para verificar o tipo de fé que os novos crentes experimentavam. Ele logo soube reconhecer a autenticidade da fé que havia naqueles corações (At 11.23), e, por algum motivo não apontado, foi em busca de Saulo de Tarso para ajudá-lo na organização da igreja de Antioquia, coisa que deve ter se situado no ano de 44.

Durante alguns anos, Barnabé, Paulo, e outros, denominados em Atos 13

como Simeão (o Niger), Lúcio (de Cirene) e Manaém, lideravam a comunidade formando uma espécie de liderança colegiada. O apelido de Simeão, Níger, o vincula com o norte da África. Afinal, Niger era o nome de um Rio que cortava o ocidente do continente africano. Lúcio veio de Cirene, a principal cidade da província romana de Cirenaica, também no continente africano, a meia distância de Cartago e Alexandria. De Manaém não se tem nenhuma outra informação a não ser que ele tinha sido criado junto com Herodes o Tetrarca. Isso diz algo sobre sua situação social e econômica, mas não diz muito sobre sua situação étnica. Com exceção de Manaem, então, os demais líderes da igreja eram de fora da Palestina. Se eram judeus, eram da diáspora, dois deles, inclusive, africanos. O perfil da liderança deveria se repetir na membresia da igreja. Esta era uma igreja de perfil étnico bem diferente da igreja de Jerusalém. Os seus membros deveriam ser na maioria helenistas (judeus da diáspora) ou gentios convertidos (oriundos do círculo sinagoga da cidade).

Uma igreja como esta não sente qualquer falta do templo de Jerusalém ou mesmo das tradições legais judaicas. Sua estrutura de culto girava em torno da pregação das Escrituras judaicas, hinos e orações. Foi em uma destas reuniões que um dos profetas da igreja teve uma experiência espiritual de natureza missionária. O que ele ouviu está em Lucas 13.2: “Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra que os tenho chamado”.

Paulo, inicialmente com Barnabé, e depois com outros companheiros de viagem, levou “o evangelho à ilha de Chipre, às várias cidades da Ásia Menor, à Grécia, à Chipre, às várias cidades da Ásia Menor, à Grécia, à Roma, e talvez até a Espanha”.

Sob a imposição das mãos da congregação, gesto que indicava solidariedade na missão, Barnabé e Saulo se dispuseram a iniciar a missão. Os missionários precisavam não apenas das orações daquela igreja, mas da sua ajuda na forma de viveres e dinheiro para custearem as viagens.

Isso não significa que Barnabé e Paulo foram os primeiros missionários. É bom lembrar que quando Paulo chegou a Damasco, já tinha discípulo de Jesus ali. Quando ele escreve para Roma, já haviam muitos seguidores de Jesus por lá. Como o movimento se espalhava, então? Os crentes se espalhavam por motivos de viagem, perseguição ou mesmo vocação missionária. A atividade missionária não foi, aparentemente, a causa primeira da expansão do movimento de Jesus, e sim as viagens, o comércio, as peregrinações religiosas etc.

Isso significa que a maior contribuição de Paulo não é mesmo a viagem missionária, mas suas cartas, que entraram no cânon e influenciaram toda a igreja subsequente. A carta aos Romanos foi uma destas, escrita de Corinto no ano de 58, quando fazia planos para depositar uma coleta em Jerusalém, e logo partir para Roma (At 19.21).

Paulo não conhecia a igreja pessoalmente, e não faz qualquer menção de quem a fundou. Esta comunidade cristã pode ter sido fundada por judeus que se converteram no sermão de Pedro, durante o Pentecostes. Judeus de todas as partes do mundo estavam em Jerusalém naquela oportunidade. Na verdade, qualquer outro grupo de convertidos poderia tê-la fundado, já que todas as estradas conduziam à capital do Império. Os planos de Paulo eram de, ao terminar de escrever a carta, ir à Jerusalém entregar uma oferta levantada pelas igrejas de fora da Palestina. Como ele não sabia se seria bem recebido, pede orações pela sua viagem. Após esse último compromisso, começaria sua viagem para Roma.

Seu propósito era usar a capital como entreposto para ir até a Espanha e outras regiões do ocidente (Ro 15.23s) para pregar nesses lugares a mesma mensagem que foi pregada na Palestina e Ásia. Através da leitura de Atos 21.1s descobrimos que Paulo realmente foi para Roma, apesar de não ser na situação que gostaria de ter ido. Ao chegar em Jerusalém, foi preso. Só conseguiu chegar na Capital do Império na situação de prisioneiro (Atos 27.1s). Alguns anos depois desta Epístola ter sido lida pelos irmãos de Roma, Paulo finalmente estava ali. Preso, é verdade, mas de uma forma que não o impedia de pregar e influenciar Roma com o Evangelho de Cristo. O futuro mostraria que sua mensagem dominaria não só a cidade, mas todo o Império. O Evangelho prevaleceu!

TEXTO BÍBLICO

ROMANOS 1.1-32
ROMANOS 1.16-17

TEXTO ÁUREO

ESDRAS 3.11

O RETRATO DO HOMEM DA CIDADE ONTEM E HOJE

» PRA COMEÇAR

Se alguém pedisse para você mencionar um adjetivo que resumisse o estado de “ser humano”, qual seria essa palavra? Alguns talvez usassem “inteligente”, “belo”, “criatura”, “frágil”. Mas, infelizmente, se quisermos um atributo que resuma o conjunto da humanidade teríamos que optar mesmo pelo terrível adjetivo “pecador”.

Ao Bíblia não é muito otimista quando descreve a principal das criaturas de Deus. Resume-a como uma obra rebelde, corrupta e perdida, cuja única chance de salvação está no próprio Criador.

» COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

Introdução (Romanos 1.1-7)

Paulo escreve como um escravo de Jesus Cristo na função de um simples apóstolo (aquele que é enviado pelo seu senhor para levar uma mensagem para outros servos). Ele estava convicto quem era seu Senhor e da importância da mensagem que recebera para os discípulos de Cristo que moravam na grande cidade de Roma, capital do Império Romano. Ele sabia que os habitantes de Roma precisavam ouvir a mensagem do Evangelho. Assim ele escreve já para os discípulos que habitavam a grande cidade e já desfrutavam da fé em Cristo.

Roma - o desafio da grande cidade (Romanos 1.8-10)

Paulo desejava visitar a cidade de Roma. Era um sonho de Paulo chegar à capital romana. A cidade parecia uma miniatura do mundo: a primeira megalópole da história tinha gente de todas as raças e línguas, além de ser rica e exuberante. Também uma cidade muito bagunçada e perigosa. Mas Paulo tinha um objetivo - levar o evangelho de Cristo para os habitantes daquela metrópole. Ele sabia que o evangelho poderia fazer muita diferença na vida daquela gente. Ele sabia que os romanos também tinham o direito de ouvir sobre a esperança do evangelho de Cristo.

O jornalista Reinaldo José Lopes descreve a Roma antiga cheia de

Exuberância e riqueza, mas também sujeira, bagunça, superpopulação. Ruas repletas de pessoas, a maioria suja e malvestida. Casas minúsculas amontoam-se pelas ladeiras. Crianças e mendigos esmolam por toda parte. Muitos pobres dormem ao relento, em frente a comércios, mercados e fontes. Nos muros, propagandas políticas e declarações de amor. A sujeira contrasta com modernos e belíssimos prédios de mármore, endereço de instituições públicas. Nas regiões mais nobres da cidade, construções majestosas e imponentes abrigam as famílias ricas e seus escravos. Dentro dos palacetes, não raro as festas, com fartura de comida e bebida, evoluem para uma orgia. Viver na primeira megalópole do mundo era uma experiência de contrastes.

Este texto nos mostra que a extensão da nossa fé em Cristo é alcançar o mundo todo (1.8); também nos ensina a interceder por aqueles que estão anunciando o evangelho nas cidades (1.9,10); e desejar participar de uma visita no campo missionário e ver de perto os desafios da evangelização em grandes centros urbanos.

A pregação necessária para a cidade (Romanos 1.11-15)

Mesmo tendo tantos impedimentos, Paulo não desistia de sua viagem missionária. Mesmo diante de tantos impedimentos não permitia sufocar seu anseio de chegar a Roma. Ele

confessa algo precioso para nós. Seu desejo de compartilhar a fé mútua. A possibilidade de compartilhar um dom espiritual e mutuamente serem fortalecidos e encorajados (1.11,12). Ele confessa que está de prontidão, pronto para anunciar o evangelho em qualquer lugar. Ele nos ensina sobre o desprendimento de conhecer novos lugares e novas culturas e testemunhar do Evangelho.

Impossibilitado de estar presente escreve uma das cartas mais ricas sobre a graça de Deus na vida humana.

O segredo da mensagem do evangelho para a cidade (Romanos 1.16,17)

Aqui está nossa confissão de fé. Paulo afirma que não se envergonha do Evangelho de Cristo. O evangelho é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê (tanto do judeu como do não judeu). Você pode grifar em sua Bíblia estes versos. É o texto áureo de toda a carta. Você precisa memorizar este verso.

A glória humana revelada numa cidade (Romanos 1.18-25)

Acidade gerou uma cultura de distanciamento de Deus. Cremos que a criação e todas as coisas criadas manifestam os atributos invisíveis de Deus. Isto significa que a natureza revela a glória de Deus. Glória significa a visibilidade da presença e existência de Deus.

Roma, em seu ápice, ela era quase idêntica às metrópoles atuais (mas sem a poluição no ar, claro). Aliás, Roma era ainda mais apinhada que os exemplos anteriores: no ano 200 alcançou 1 milhão de habitantes e sua densidade demográfica atingiu 66 mil

pessoas por quilômetro quadrado (hoje, a cidade mais apertada do mundo é Mumbai, na Índia, com 29650 pessoas por quilômetro quadrado). Mesmo superpovoada e tumultuada, Roma nunca sofreu de baixa auto-estima. Prova disso era o costume de começar as proclamações oficiais com a expressão latina *Urbi et Orbi*, ou seja, “à cidade e ao mundo”. Era como se aquele formigueiro humano, sozinho, tivesse tanto peso quanto todo o resto do planeta junto – o que não estava assim tão longe da verdade. (Reinaldo José Lopes | 01/09/2008)

Assim ele denuncia como a Glória de Deus foi substituída pela glória humana através das imagens idólatras e da imoralidade sexual pagã. Denunciando que substituíram a verdade pela mentira, adoravam a criatura em lugar do Criador.

A degradação humana em uma cidade (Romanos 1.26-32)

Aqui está o retrato de uma cidade. Paulo descreve de forma literária como uma fotografia do ser humano. Todos nós estamos incluídos nesta fotografia. Em algum momento eu e você fomos mencionados. Saímos na foto. Não dá para escapar. Em algum momento ele me encontrou no meu pecado. Paulo não se excluiu desta imagem. A imagem do homem que busca conhecer a Deus do seu modo.

Na primeira impressão parece que Paulo exagerou, mas quando leio os historiadores daquela época descubro que Paulo foi até comedido em sua descrição. Os autores da época descreveram de forma muito mais voraz a cidade de Roma.

Quando olhamos nossa cidade, nossa cultura, descobrimos que “ainda somos os mesmos”, como diz a canção de um compositor brasileiro. E o mesmo espírito de Paulo deve também nos impulsionar para nossa cidade e ver o ser humano carente de encontrar Deus verdadeiramente.

Uma visão geral

O capítulo termina falando de pessoas que conhecerão bem os decretos divinos, porém confrontarão as leis da vida humana desobedecendo estes decretos e aprovando aqueles que as praticam.

Quando falamos nas maiores cidades do mundo, estamos claramente a classificá-las pela densidade populacional. Para quem não sabe, mais de metade da população mundial está distribuída pelas grandes cidades.

Uma revista ranqueou as 10 maiores cidades do mundo: Tóquio, Déli, São Paulo, Mumbai, Cidade do México, Nova Iorque, Xanguai, Calcutá, Daca, Los Angeles. Totalizando 200

milhões de pessoas somente nestas 10 cidades.

Há uma previsão que em 2050 existam cerca de 30 cidades com mais de 10 milhões de habitantes. Como estarão vivendo os habitantes dessas cidades nos próximos anos? Como o evangelho pode reverter a situação dessas cidades? Calcula-se que haverá escassez de água, alimentos e o crescimento de doenças epidêmicas e a degradação moral serão as marcas dessas cidades. Assim era a grande metrópole romana.

Certamente novas tecnologias surgirão que modificarão o *modus vivendus* das grandes cidades. O desafio é preparar líderes para fazer discípulos de casa em casa, de pessoa a pessoa. Atuando nas áreas mais miseráveis da cidade, com os excluídos e crianças que nascerão neste ambiente.

Deus não está fora da cidade... O seu amor inundará a cidade de pequenas comunidades que transformaram pelo poder do evangelho estas pessoas carentes da graça de Deus.

» A LIÇÃO EM FOCO

1) Uma das grandes dificuldades dos leitores da Bíblia hoje é aplicarem-na às suas próprias vidas. Se o estudo bíblico for feito sem aplicação, numa classe de Escola Bíblica ou num momento individual, não haverá crescimento. O texto ficará sem vida, irrelevante para a alimentação diária dos filhos de Deus. Por isso, recomendamos a cada leitor que procure aplicar pessoalmente as passagens bíblicas à sua vida. Para ajudar nesse processo, atente sempre, após o estudo, para as seguintes perguntas: há, nesta passagem, algum pecado para manter-me afastado? Alguma promessa

que eu poderia apropriar-me? Algum mandamento para eu obedecer? Alguma bênção que eu possa desfrutar? Alguma falha a partir da qual eu possa aprender? Alguma vitória que eu deva alcançar? Algum novo pensamento sobre Deus, o Senhor Jesus, o Espírito Santo, Satanás, ou o homem?

2) Você deve ter orgulho do Evangelho de Cristo, pois ele é poderoso. Quer prova maior do seu poder do que a transformação da sua vida? Olhe em volta e veja quantas pessoas tiveram suas vidas transformadas pelo poder do Evangelho. Traficantes de drogas transformam-se em proclamadores da graça de Jesus, prostitutas em respeitáveis divulgadoras do Evangelho, ladrões em zelosos praticantes da Lei de Deus, homossexuais em honrados defensores da moral divina. Só mesmo o Evangelho pode transformar uma vida.

3) O Evangelho de Cristo é justo. É a expressão máxima da justiça de Deus. Ao mesmo tempo em que demonstra a condenação, aponta a salvação. Isso sem distinção. Sejam ricos ou pobres, feios ou bonitos, magros ou gordos, brasileiros ou estrangeiros.

4) Não envergonhe o Evangelho de Cristo com sua vergonha do mesmo. Encha o peito e grite: "eu sou de Cristo e só ele pode salvar!" Não é raro ver jovens cristãos terem vergonha de testemunhar da sua fé numa situação escolar. Seus colegas zombam dele por ele ser e pensar diferente da maioria. Nesta situação, influencie, em vez de ser influenciado.

5) Contemplar o ser humano como a passagem descreve não é pessimismo ou melancolia. É realismo. Esta visão deve provocar em nós duas coisas: gratidão a Deus pelo que ele fez por nós e desejo de proclamar o Evangelho, como Paulo proclamou, para que Deus continue salvando pessoas, libertando-as da situação miserável e irremediável em que se encontram.

» PRA TOMAR UMA ATITUDE

A imoralidade da sociedade contemporânea não é fruto dos novos tempos. É consequência do pecado humano. Nossos pais diziam que no passado a imoralidade era menor. Como os corações dos homens nunca deixaram de ser imorais, o que era diferente era a visibilidade dessa corrupção. A corrupção existia, mas de uma forma disfarçada.

O PERFEITO JUÍZO DE DEUS

TEXTO BÍBLICO**EROMANOS 2.1-29****TEXTO ÁUREO****ROMANOS 2.2****» PRA COMEÇAR**

Quando Paulo descreve a natureza pecaminosa da cidade de Roma, ele inclui também os judeus. Estes se orgulhavam de terem a lei e a herança judaica. Mas Paulo mostra que a religião não deixa o homem isento de condenação. Pelo contrário ele acusa a hipocrisia religiosa dos judeus que embora ensinassem uma vida correta, não conseguiam colocar na prática seus mandamentos. Assim Paulo argumenta que todos os rituais judaicos como a observância de suas tradições e sua circuncisão não representavam que estariam fora do juízo de Deus. Ele fala de uma fé interior que sobrepuja a religiosidade exterior. Tanto os judeus como os não judeus precisavam da graça de Deus.

» COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

Certo pastor, ao perceber que precisaria esperar bastante pelo próximo ônibus numa rodoviária do nosso país, resolveu aproveitar o tempo para evangelizar alguém. Foi quando descobriu um jovem numa típica situação de miséria social, destas comuns em nossas grandes cidades. Durante a conversa, o jovem demonstrou ter um conhecimento de Igreja e Bíblia incomum para alguém na sua situação. Sua memória treinada conseguia antecipar os versículos que o pastor usava para pregar-lhe o Evangelho.

Isto despertou a curiosidade do pastor, que acabou descobrindo que ele já fora membro ativo de uma Igreja Evangélica. Entretanto, pela sua vida e comportamento atual, seus dias numa igreja local não conseguiram tira-lo da perdição, apesar de tê-lo feito um conhecedor de Bíblia.

Conhecer a Bíblia não implica necessariamente em conhecer a Deus. Os judeus demonstraram isso para nós. Apesar de possuírem todas as revelações do Antigo Testamento, mataram o Filho de Deus quando este apareceu no meio deles.

Não há distinção no julgamento divino (2.5-11)

Já ouvi gente que só comia um ovo posto no sábado se a galinha que o botou fosse morta no dia seguinte. Pelo menos assim prescrevia um ensino

farisaico da época de Paulo. Eles não eram simplesmente exagerados ou excêntricos. Eram legalistas, pessoas que imaginavam que alcançariam o favor de Deus se conhecessem e praticassem a sua Lei dada aos profetas do passado.

No capítulo 1 Paulo demonstrou que as pessoas no mundo estão normalmente entregues à devassidão, imoralidade, corrupção, pecado, como uma forma de juízo antecipado de Deus, por não terem atentado para o conhecimento e revelação que dEle tiveram. Eram as pessoas denominadas pelos judeus na época de gentias e por nós hoje de “mundanas”.

Ao chegar ao final dessa argumentação ele percebe que talvez alguém possivelmente estivesse concordando e gritando com ele: “é isso mesmo Paulo! Eles estão perdidos. Merecem o inferno!” Paulo se volta para estas pessoas imaginárias e diz: “você estão errados em julgar as pessoas mundanas. Você também são pecadores e mercedores da ira de Deus.” Os religiosos também são mercedores da ira divina.

Uma das principais teses desse capítulo de Romanos é que o conhecimento das ordenanças não é suficiente para salvar. Somente a prática completa dos mandamentos poderia satisfazer a justiça divina.

Infelizmente essa via, se bem que real, é impossível de ser trilhada. Ninguém

pode cumprir cabalmente todos os mandamentos. Não há uma só pessoa que consiga cumprir a Lei de Deus do fundo do coração. Se o afirma, é mentirosa. Somente Jesus, o Deus-homem, o conseguiu.

É uma crítica direta de Paulo ao judaísmo, ou a qualquer sistema religioso que afirme conseguir levar o homem até Deus. Os judeus, especialmente, achavam que eram muito melhores que as pessoas mundanas (gentias, no vocabulário deles) pela sua herança religiosa e suas tradições. A falsidade dessa auto-imagem é desfeita nas perguntas retóricas de Paulo: “você julga, mas faz as mesmas coisas que eles. Como escapará do julgamento de Deus?” A resposta é enfática: a salvação não pode vir das obras.

Mesmo que alguém consiga esforçar-se até os limites da sua humanidade para cumprir todos os itens das ordenanças divinas, o estará fazendo por medo de punição ou por amor à recompensa, e não por livre disposição para obedecer. Preferiria agir de outro modo, se não houvesse os mandamentos. Isso significa que no fundo do coração está em rebeldia com os mandamentos, apesar de tentar obedecê-los.

Os judeus eram antipáticos e desprezavam aqueles que não seguiam o judaísmo. Mesmo na cidade de Roma, eles não gozavam de simpatia de seus habitantes. Achavam que não seriam julgados pelas suas ações, mas pelas sua herança religiosa. O cumprimento de suas tradições seria a base de salvação e não seus atos pecaminosos. A base do julgamento de Deus será

as ações, a vida eterna está separada para quem faz o bem, que busca a glória, a honra e a imortalidade.

Deus não é imparcial. Os judeus não poderiam considerar serem privilegiados e isentos das consequências de seus pecados. Para entender a graça de Deus é necessário começar com a consciência do julgamento divino. As nossas ações e nossos pensamentos nos condenam. O homem sabe que é rebelde, teimoso, egoísta e obedece ao pecado em vez de obedecer a verdade. Assim o destino do ser humano é de tribulação e angústia.

Assim o arrependimento surge como exigência para todos, tanto dos judeus como para os não judeus.

O julgamento divino (Romanos 2.12-16)

Paulo está convicto do dia do julgamento divino que julgará os pensamentos secretos dos homens. Ele entende que o homem foi criado com a lei gravada no coração. Mesmo os povos que não tinham os dez mandamentos das Escrituras, tem esses mandamentos em seu coração. Assim a própria consciência humana traz a ideia do certo e do errado, da verdade e da mentira. A consciência humana tem poder para acusar e também para defender as intenções de seus atos.

A moralidade humana parte do princípio de que a vida tem suas leis e ordens naturais da vida. Todo ser humano tem a propriedade de consciência do seu pecado.

Este texto ajuda-nos a compreender a doutrina bíblica do julgamento divino. Indistintamente, todas as pessoas

deverão passar pelo tribunal de Deus, quando terão que prestar contas a ele de cada palavra, gesto, ação, pensamento ou omissão.

Este julgamento é para todos, religiosos, não-religiosos, salvos, não-salvos, crianças, adultos. Todos deverão passar pelo juízo. Duas grandes verdades sobre esse julgamento apareceram aqui.

Primeira, cada pecador será julgado segundo suas obras. Apesar da Escritura deixar claro que a salvação é pela fé (Ef 2:8), o julgamento será pelas obras. Observe que, para isso, o juízo não guardará relação com a salvação. Ao

chegar nele, o nosso destino já estará determinado, pela nossa relação com Deus aqui em vida, apesar de ainda termos os atos julgados por Deus.

Segunda, cada pecador será julgado segundo a luz que tiver. Apesar dessa verdade não isentar-nos do trabalho missionário, deixa claro que ninguém poderá dizer, diante do tribunal celestial, que chegou ali inocente, pois não sabia sobre Deus. Para Paulo, a consciência de cada homem, na ausência da revelação direta da Escritura, assume o papel de apontar para a vontade de Deus, para o que é certo ou errado.

» A LIÇÃO EM FOCO

1. Analise sua reação à lição da semana passada. Se ao final dela sua sensação foi de alívio, algo como “que bom que não sou assim”, ou “eles merecem a ira de Deus”, você está mais perto do legalismo do que imagina. O capítulo 2 de Romanos foi escrito diretamente para você. Você é tão pecador quanto os outros. A diferença é que eles são pecadores perdidos, e você é um pecador resgatado pela graça de Deus. A nossa reação diante da doutrina da depravação humana deve ser sempre de humildade e gratidão a Deus. Ela serve para revelar quem nós somos de fato, sem máscaras de retidão ou de religiosidade, no íntimo do nosso ser. Cuidado, porque normalmente um legalista não imagina ser um legalista.

2. Grande parte da religião de alguns consiste em achar defeito nos outros. O ambiente de algumas igrejas, em vez de confortável e restaurador, tem se transformado em neurótico e destrutivo. Há um clima de “caça às bruxas”, onde os mais “santos” ficam o tempo todo procurando pecado e erro na vida do outro. Se for alguém ainda não resgatado por Deus, a situação se torna ainda maior, pela quantidade de perseguição e discriminação que pode existir. Você já deve ter visto como é difícil para um jovem que veio de um ambiente mundano permanecer em nosso meio. Normalmente as igrejas obrigam o jovem a mudar de vida e comportamento antes de participar da

comunidade eclesial. Dizemos para ele: “mude de vida primeiro, e depois participe conosco.” Não foi esse o apelo de Jesus, que chama todos do jeito que estão. Não é possível que uma pessoa mude para depois vir até Jesus. Ninguém consegue mudar de vida sem o auxílio de Jesus, por causa do seu coração pecaminoso.

3. Talvez os mais rápidos em julgar sejam os mais culpados. Geralmente observamos nos outros as faltas que existem e nos incomodam. Quando alguém tem problemas de natureza sexual, passa a ser um moralista procurando esta falha nos outros. Quando encontra, de forma sarcástica e cruel, humilha e disciplina. Devemos ter cuidado com os nossos corações. A Escritura diz que “enganoso é o coração mais do que todas as coisas.”

4. Paulo levanta uma questão muito importante para os nossos dias. A hipocrisia religiosa que se apegua nas tradições de uma religião, mas que na prática vivem como se Deus não existisse. A aparência e o coração. Aquilo que se vê e aquilo que não se vê. O Falar e o viver. O agir que não corresponde com o que prega. Berkouwer descrevendo sobre o pecado conclui que “há no pecado tal cegueira que tira do homem a possibilidade de perceber corretamente a vida dos outros, mas especialmente a sua própria vida e conhecer-se na sua própria profundidade e natureza. A cegueira e o esconder são próprios do homem. O homem aponta vários defeitos, primeiramente nos outros, e depois limitadamente também de si mesmo”. (p.128)

» PRA TOMAR UMA ATITUDE

Nas cidades estão as maiores concentrações religiosas. Os templos de todas as religiões encontram adeptos nos grandes centros. Os evangélicos estão em quase todos os bairros das capitais dos estados brasileiros. Mas parece que a cidade nem percebe a presença dos discípulos de Jesus. Muitas vezes a arrogância dos crentes torna o evangelho uma mensagem distante das pessoas. Elas buscam nos templos a Deus, mas não conseguem ver a presença de Deus na vida de seus discípulos.